

Evento: XXV Jornada de Pesquisa  
ODS: 4 - Educação de qualidade

## EDUCAR: UMA APOSTA NA HUMANIDADE<sup>1</sup>

### EDUCATE: A BET ON HUMANITY

Patrícia Feiten Pinto<sup>2</sup>, Mara Carine Cardoso Lima<sup>3</sup>, Vânia Lisa Fischer Cossetin<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Esse escrito foi desenvolvido em meio às leituras, estudos e aulas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

<sup>2</sup> Graduação em Psicologia URI. Doutoranda em Educação nas Ciências UNIJUÍ

<sup>3</sup> Graduação em Psicologia UNIJUÍ. Mestranda em Educação nas Ciências UNIJUÍ

<sup>4</sup> Doutora em Filosofia, professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências da UNIJUÍ

### Resumo

Mediante pesquisa bibliográfica e com aporte crítico-hermenêutico, este artigo pretende problematizar a dificuldade enfrentada pela educação contemporânea de inserir os novos nos horizontes normativos. O estudo parte do suposto de que cabe à educação escolar a formação moral e ética dos indivíduos, criando possibilidades para que os novos se movimentem singularmente a partir dos horizontes normativos transmitidos. Nessa perspectiva, um dos grandes desafios para os educadores e uma das mais importantes apostas civilizatórias que eles podem fazer seria a de justamente formar sujeitos capazes de internalizar, compreender e pensar sobre os pactos simbólicos que ordenam a sociedade na qual estão inseridos.

### Abstract

Through bibliographic research and with a critical-hermeneutic contribution, this article intends to problematize the difficulty faced by contemporary education to insert the new ones in the normative horizons. The study starts from the assumption that school education is responsible for the moral and ethical formation of individuals, creating possibilities for new students to move singularly from the normative horizons transmitted. In this perspective, one of the greatest challenges for educators and one of the most important civilizing bets that they can make would be to precisely form subjects capable of internalizing, understanding and thinking about the symbolic pacts that order the society in which they are inserted.

**Palavras-chave:** Educação; Moral; Ética.

**Keywords:** Education; Moral; Ethic.

## 1 INTRODUÇÃO

Quando “[...] decidimos educar alguém partimos do suposto de que este educando, se pode, deve superar o seu ser atual [...] motivado pela aposta na capacidade que todo aquele que se encontra em processo formativo tem de ir um pouco mais além” (COSSETIN, 2018, p.2-3). Educar, assim, tem a ver com acreditar no outro e na sua possibilidade de conservar e renovar, ao lado de seus pares, o

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

mundo humano.

Essa aposta na formação dos novos encontra-se abalada devido a inúmeros motivos, dentre eles, a sobrecarga dos professores, que têm pouco tempo, recursos e estímulos para investir em seus estudos e formações profissionais. Há também uma precariedade nas discussões sobre a formação humana nas escolas em nível nacional, questão que é indispensável quando se almeja um futuro em uma sociedade democrática cada vez mais justa e igualitária. Um dos efeitos é a crescente fragilização acerca dos entendimentos subjetivos que norteiam ou deveriam ser norteadores de nossa sociedade.

Trata-se de um grande desafio a ser enfrentado por todos os envolvidos com a educação, sobretudo quando a formação escolar é concebida como instância de transmissão da tradição, mas, também, de convocação dos novos para se movimentarem singularmente a partir dos horizontes normativos transmitidos.

## 2 METODOLOGIA

Esse escrito foi desenvolvido em meio às leituras, estudos e aulas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ. A metodologia é bibliográfica, de natureza qualitativa, com aporte crítico-hermenêutico. Essa orientação metodológica considera os aspectos subjetivos da relação entre sujeito pesquisador e objeto analisado. Esse tipo de pesquisa também assume tanto a precariedade da pretensão objetivista do pesquisador quanto à historicidade do objeto em análise, ou seja, o conjunto de condicionamentos discursivos, historicamente elaborados, que o constituem. A dimensão crítica refere-se a possibilidade de entender as contradições e a dinamicidade do contexto no qual o fenômeno ou objeto está inscrito. Já a dimensão hermenêutica tem como objetivo interpretar os sentidos discursivos já produzidos em uma tradição de pensamento.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 Moral e ética

A tradição filosófica entende a moral como um conjunto de regras e normas cujo objetivo é “[...] regular as ações concretas dos homens, oferecendo normas de ação com a pergunta: o que devo, como homem, fazer?” (CORTINA, 2009, p.85). Assim, a moral é o que possibilita os laços sociais, sendo uma espécie de inscrição do humano na sociedade. Em toda sociedade existem regras, as quais são uma referência para cada humano agir nas situações concretas do cotidiano. Além disso, a moral refere-se ao

[...] âmbito das vivências contextuais, engendradas no seio das comunidades ou dos grupos nos quais é cultivada (seja via discurso religioso, seja político ou ideológico) e cujas ações humanas visam, de início, tão-somente a conformidade com as regras e as normas instituídas [...] É nesse sentido que a moral passa a ser associada à expressão da subjetividade do agir diante do conjunto de regras, normas, prescrições,

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

orientadoras da ação humana, herdadas pela cultura e preservadas pelos costumes de uma comunidade (COSSETIN, 2018, p.8).

A moral é um conjunto de normas que é apresentado às novas gerações pelos adultos. Mas nem todos os humanos chegam a pensar sobre aquilo que orienta a sociedade. La Taille (2009), inclusive, argumenta que somente uma minoria alcança a maioria, isto é, uma posição autônoma de refletir e questionar a moral. Muitos assumem uma postura heterônoma, de somente reproduzir a moral.

Já a ética é uma reflexão sobre tais horizontes normativos. A sua função é interpretar e compreender a moral, para que seja possível revisitar as normativas e posteriormente continuar formulando balizas orientadoras socialmente justas. Contudo, toda análise ética está comprometida, pois não existe como “[...] expressarmos o mundo colocando-nos do lado de fora dele ou analisarmos filosoficamente o plano moral sem que a atividade ética já não estivesse, em parte, moralmente comprometida” (COSSETIN, 2018, p.15). Isso ocorre porque toda reflexão parte da história, das vivências pessoais e dos horizontes normativos nos quais o humano está inserido. Assim,

A ética pode contribuir para fundamentar ou justificar certa forma de comportamento moral [...]. Certamente, muitas éticas tradicionais partem da ideia de que a missão do teórico, neste campo, é dizer aos homens o que devem fazer, ditando-lhes as normas ou princípios pelos quais pautar seu comportamento. O ético transforma-se assim numa espécie de legislador do comportamento moral dos indivíduos ou da comunidade. Mas a função fundamental da ética é a mesma de toda teoria: explicar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade, elaborando os conceitos correspondentes. Por outro lado, a realidade moral varia historicamente e, com ela, variam os seus princípios e as suas normas. A pretensão de formular princípios e normas universais, deixando de lado a experiência moral histórica, afastaria da teoria precisamente a realidade que deveria explicar. A ética é teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral [...] (VÁSQUEZ, 1992, p20-21).

Ao entender a distinção sobre esses dois conceitos, no qual a moral diz respeito, fundamentalmente, ao modo como se espera que os humanos ajam e a ética é uma reflexão constante sobre tais regras e a busca pela compreensão dos fundamentos da ação humana.

### 3.2 Educação moral e ética

Conforme a perspectiva kantiana, o homem é levado a fazer escolhas em nome do bem comum e é por meio da educação e do esclarecimento que se torna possível conduzi-lo a manifestar suas disposições para o bem. O autor entende que o “esclarecimento é à saída do homem de sua menoridade, da qual ele é o próprio culpado.” (KANT, 1974, p. 100). Kant concebe a menoridade como falta de habilidade humana para a compreensão e como a sua dependência constante do outro. Entende que é uma escolha de cada um abster-se de sua própria compreensão sobre o mundo, orientando-se de forma heterônoma.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa minoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento (KANT, 1974, p.100).

O autor alega que o educador deve conduzir os novos para a autonomia, desenvolvendo sua habilidade de autorreflexão e a saída de sua condição de menoridade.

É preciso habituar o educando a suportar que a sua liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente a sua liberdade. Sem esta condição, não haverá nele senão algo mecânico; e o homem, terminada a sua educação, não saberá usar sua liberdade. É necessário que ele sinta logo a inevitável resistência da sociedade, para que aprenda a conhecer o quanto é difícil bastar-se a si mesmo, tolerar as privações e adquirir o que é necessário para tornar-se independente. (KANT, 1996, p. 34).

É de responsabilidade de cada educador, conforme Kant, conduzir os sujeitos aprendizes à superação da sua ignorância. O que se dá desde o seu nascimento como um longo processo de sua humanização. Para ele, o homem não é bom nem mal, porque para ser alguma coisa além de um animal, é preciso receber uma formação moral. Embora Kant caracterize como muito difícil esse processo de tornar-se humano, defende que um dos propósitos da educação é conduzir os sujeitos para um aperfeiçoamento de sua humanidade. Isso se torna possível quando consegue conter sua natureza selvagem, submetendo a si mesmo à razão, mergulhando no mundo da cultura.

A partir disso, podemos nos perguntar como temos pensado essas questões com vistas a uma educação que vise uma formação moral e ética? Yves de La Taille (2009) explica que, durante a ditadura militar no Brasil, a disciplina Educação Moral e Cívica foi criada no ano de 1969 como um componente obrigatório em todas as etapas escolares. Essa matéria tinha como finalidade apresentar e impor normativas rígidas, aproximando as novas gerações dos ideais defendidos por esse regime político. Além disso, ela era orientada por um caráter dogmático, onde qualquer percepção que contrariava os seus fundamentos era coibida.

A disciplina de Educação Moral e Cívica foi uma forma encontrada pelo governo de inserir as novas gerações na sua ideologia a fim de diminuir possíveis rebeliões. Segundo La Taille (2009), com a queda da ditadura militar no país, em 1992 a disciplina tornou-se opcional e em 1993 ela foi extinta. O problema é que uma vez retirada da grade curricular educacional, nada entrou para substituí-la. Assim, Cossetin (2018) adverte que

Longe de defender o domínio autoritário das morais comunitárias ou o retorno à origem ditatorial e de vocação dogmática da disciplina de Educação Moral e Cívica, o desafio que se coloca é o de pensarmos em algo que possa vir no lugar destas morais. No caso específico da disciplina de Moral e Cívica, não fomos capazes nem de defender algo que representasse os valores fundamentais da nossa educação

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

republicana e democrática (COSSETIN, 2018, p.12-13).

Um dos efeitos da precariedade e muitas vezes da ausência de discussões sobre uma moral orientada por princípios democráticos e republicanos encontra-se justamente nos pedidos pela volta da ditadura militar que hoje vivenciamos. Com a ausência de debates sobre este tema, a atual geração de adultos foi introduzida de uma forma rasa nos horizontes democráticos e republicanos que orientam a sociedade brasileira. Muitos questionam a democracia e clamam por um governo ditatorial sem saber o que, de fato, isso significa.

Isso nos faz questionar como poderia ser abordada a questão da educação moral em contextos escolares e em que condições. Primeiramente, é preciso levar em consideração que

A educação moral só pode realizar-se como a indicação de uma capacidade cuja realização só é possível a partir da liberdade de cada um (...). O educador deve dominar a arte dialética de levar uma vida em conformidade com as categorias morais e retraindo-se enquanto pessoa na intenção de promover o desenvolvimento da autonomia moral do educando (GOERGEN, 2005, p 992).

A questão não se resume a uma breve apresentação sobre os princípios que orientam a sociedade democrática brasileira, pois a finalidade não é formar humanos heterônomos, mas sim, educar para que eles conheçam as normativas e desenvolvam a capacidade crítica de refletir sobre o mundo humano. Portanto, transmitir os saberes que orientam as perspectivas comuns da sociedade e os conhecimentos de cada campo de saber educacional é somente o primeiro movimento.

Seria um segundo movimento criar uma nova disciplina específica? Para La Taille (2009), esta poderia ser uma alternativa interessante, uma vez que os alunos teriam uma aproximação maior com o debate sobre a moral. Porém, o problema é que provavelmente os outros professores deixariam de lado essa questão que é tão importante para a formação humana e os efeitos seriam os riscos de isolar e fragmentar a educação moral. Outra alternativa, segundo ele, seria defender a sua inserção transversal no currículo, onde todos os educadores trabalhariam conjuntamente, apropriando-se dos debates sobre essa discussão.

Como a educação escolar fundamenta-se na transmissão de saberes que já estão no mundo a mais tempo e que tem um embasamento científico comprovado, caberia aos educadores a transmissão de perspectivas morais, para que os novos compreendam o que se espera deles. Essa transmissão refere-se a um suporte para o qual as novas gerações possam se ancorar a fim de se inserirem em um mundo que vai além de suas individualidades. A transmissão das perspectivas normativas é tarefa de todos os educadores, sendo o educar uma forma de inscrição de cada novo humano na tradição e no mundo humano. Assim, dos educadores

[...] é esperado que assumam essa responsabilidade, exigida de todo encontro geracional. De um lado, seriam portadores de uma credibilidade e autoridade que é ao mesmo tempo epistêmica e moral, pois o saber que possuem já é desde sempre de competência formativa. Somente em função disso é que um professor se autoriza a ser professor, ou seja, que pode ser reconhecido como um educador

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

[...] Assim, estaria implícito no ser professor, enquanto profissional ou trabalhador da educação, uma espécie de contrato que o vincularia a um determinado status quo moral – obviamente não privado –, derivado do seu inequívoco comprometimento com o conjunto dos valores compartilhados pela comunidade à qual pertence e cuja intervenção pedagógica é legitimada pelos modos de justificação deste ethos. De outro lado – e aqui há um embuste –, o educador jamais poderia ser apenas um representante de ou veiculador para tal legitimação, mas o próprio inquiridor da moral vigente, tanto por colocar-se como possível denunciante da opressão, da violência, da discriminação, que tal moral possa mascarar, quanto pelo compromisso e responsabilidade assumida relativamente às gerações que está dedicado a formar. Assumiria dois papéis paralelamente, caso isso fosse possível: o de conservador e, também, de crítico da moral que professa (COSSETIN, 2018, p.15-16).

A formação requer a transmissão heterônoma sobre como agir no mundo, mas também uma postura autônoma das novas gerações, de modo que “não se trataria, portanto, de transferir ao educando um saber desde sempre dominado pelo mestre, mas de um processo de aprendizagem autoreflexionante” (FLICKINGER, 2010, p.40-41). De acordo com Hermann (2001, p. 20), “desde sua significação mais originária, a educação pretende formar homens que se sintam partícipes de uma comunidade moral e que sejam capazes de constituir-se como sujeitos autônomos”. Logo,

A educação, por seu turno, habitaria um lugar como que intermediário, apoiando um pé em cada nível: em parte, precisa contar com a reflexividade e com a crítica diante da operacionalidade da vida e do mundo, com o caráter finito da condição humana, logo, com a falibilidade de seu saber; em parte, precisa assumir uma posição mais ou menos estável, pautada em algum saber que lhe permita e autorize a deliberar acerca da educação de outros humanos (COSSETIN, 2018, p.13).

Para educar as novas gerações como forma de viver em uma sociedade democrática e justa é indispensável que os novos desenvolvam a sua autonomia. É através da reflexão que futuramente os sujeitos podem continuar repensando as normas estabelecidas por outros, avaliando quais delas merecem e quais não devem ser conservadas.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tais reflexões nos permitiram compreender que todos os componentes curriculares precisariam transmitir elementos da tradição, dialogando e convocando os novos a pensarem sobre o seu sentido. Não convém confinar a formação moral em somente uma disciplina específica, pois toda ação humana e todo conhecimento requer algum tipo de vínculo com os horizontes normativos e democráticos.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

A maior aposta dos educadores é justamente formar sujeitos que internalizem, compreendam e pensem sobre os pactos simbólicos da sociedade na qual está inserido. Não há como prever como cada um irá elaborar o que foi transmitido através do processo educacional, mas apesar de não existir garantias, é preciso apostar nos novos inserindo-os no mundo com base em normativas e orientados a futuramente questioná-las. A inserção desses debates no contexto escolar depende da disposição institucional e de cada educador, bem como de cada encontro pedagógico, pois é preciso construir caminhos para educar os outros com base em alguma tradição, na expectativa de produzir algum sentido para a acolhida e introdução dos novos.

## REFERÊNCIAS

CORTINA, Adela. **Ética mínima**. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2009.

COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. **Da assepsia moral na educação**. Texto referência da aula inaugural realizada junto ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul/Chapecó, 2018.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta:** que é esclarecimento? Petrópolis: Vozes, 1974.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. São Paulo: Editora UNIMEP, 1996.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas: Autores Associados, 2010.

GOERGEN, P. **Educação e valores no mundo contemporâneo**. Educação & Sociedade, v. 26, n. 92, 2005.

HERMANN, N. **Pluralidade e ética em Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LA TAILLE, Y. de. **Formação ética:** do tédio ao respeito de si. Artmed Editora, 2009. VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1992.

**Parecer CEUA:** 3.069.588